

Diálogos entre Mikhail Bakhtin e Paulo Freire: A Palavraponte e a Palavramundo, face social de uso do signo¹

Around the dialogue Between Mikhail Bakhtin and Paulo Freire: the Word as a sign

Emerson Tadeu Cotrim Assunção², Ester Maria de Figueiredo Souza³

Resumo: O presente artigo expõe interfaces teóricas do pensamento bakhtiniano e freiriano, com ênfase na noção de palavra, momento em que evocamos contribuições destes autores para os estudos do letramento no Brasil. Busca-se indiciar o diálogo epistemológico, a fim e de apresentar contribuições para o campo das ciências humanas, em especial das ciências da educação e da linguagem, principalmente com o uso da palavra enquanto instrumento simbólico emancipatório de luta e resistência. Nosso movimento investigativo busca situar os dois autores em seus cronótopos, para inferir pontos de confluência nas suas produções. Por uma questão didática, estrutura-se da seguinte maneira: no primeiro momento expõem-se discussões de Mikhail Bakhtin no tocante à palavra enquanto instrumento de poder e ideologia; no segundo momento, discussão sobre os postulados de Paulo Freire sobre a palavra como forma de libertação e tomada de consciência. Nestes dois movimentos discursivos, tematizaremos o letramento como *corpora* de luta e significação da/pela palavra. Como conclusões, apresentam-se contribuições para se refletir sobre a natureza dialógica de práticas pedagógicas nos contextos de ensino e aprendizagem, a partir de referências conceituais dos dois autores.

Palavras chave: Mikhail Bakhtin. Paulo Freire. Palavra. Letramento.

Abstract: The aim of this study was to report herein on the theoretic interfaces of the bakhtinian and freirian thought with emphasis on the notion of Word. We

¹ Este texto foi ampliado e reescrito a partir do publicado em 2015 na Revista Ciências & Letras (On-line). <https://seer.uniritter.edu.br/index.php?journal=revistadesign&page=about> Em 2019, o artigo foi retirado e negado o acesso ao sistema daquela revista, assim como textos de outros pesquisadores que abordavam temáticas freireanas. Ao ser interpelada, a editoria nos informou o motivo da exclusão de alguns artigos já publicados e de acesso público não eram de interesse do novo grupo que adquiriu a Instituição. Tal situação, configura-se em desrespeito ao direito do autor, a seleção arbitrária do que deve e não deve ser mantido no sistema, sem justificativas de mérito para exclusão ou não de textos com abordagens freireanas e bakhtinianas em linguagem e educação. Esperamos que o novo formato do artigo original, provoque reflexões sobre o tema deste e, em especial, do contexto dessa nova publicação e edição.

² Professor da Universidade do Estado da Bahia. Mestre em Letras: Cultura, Educação e Linguagens. E-mail: ecotrim@uneb.br.

³ Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Professora Plena da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), atuando no curso de Licenciatura em Letras, no Programa de Pós-graduação em Letras: Cultura, Educação e Linguagens, e do Programa de Pós-graduação em Educação. Líder do Grupo de Pesquisa Linguagem e Educação - GPLEd/CNPQ/UESB. E-mail: efigueiredo@uesb.edu.br

propose the epistemological dialogue in order to present contributions to the field of humanities, especially science education and language. We analyzed the two authors in their chronotopes to infer confluence points in their productions. For didactic reasons we divided the study in two parts. In the first moment we exposed Mikhail Bakhtin discussions regarding the word as an instrument of power and ideology; in the second moment, we discussed the postulates of Paulo Freire on the word as a means of liberation and awareness. As a result, we present contributions to reflect on the dialogic nature of pedagogical practices in teaching and learning contexts, from conceptual references of the two authors.

Keywords: Mikhail Bakhtin. Paulo Freire. Word. Literacy.

Introdução

A única forma adequada de expressão verbal da autêntica vida do homem é o diálogo inconcluso. A vida é dialógica por natureza. (Bakhtin, 2010, p. 193)

O diálogo é o encontro entre os homens, mediatizados pelo mundo, para designá-lo. Se ao dizer suas palavras, ao chamar ao mundo, os homens o transformam, o diálogo impõe-se como o caminho pelo qual os homens encontram seu significado enquanto homens; o diálogo é, pois, uma necessidade existencial (Freire, 1980, p.82 e 83).

Estamos vivendo numa cronotopia marcada por conflitos políticos e sociais (locais e globais) que tem afetado, sobremaneira, as nossas configurações identitárias de professores e de pesquisadores. Aqui no Brasil, desde 2016 com o golpe parlamentar que destituiu Dilma Rousseff da presidência do Brasil, o país não tem mais os ares promissores conquistados com muita luta pós ditadura militar (1964-1985). Recentemente, o país foi tomado por ataques a professores, pesquisadores e produções acadêmicas: denúncias de professores por suposta prática de doutrinação ideológica; ataques às obras de pensadores, a exemplo de Paulo Freire, com o argumento de que são esquerdistas e, por isso, contrários aos interesses do Brasil; fechamento de cursos de graduação em humanidades país afora e, entre outros, censura à publicações de pesquisadores brasileiros em revistas e mesmo nas Universidades.

É nessa conjuntura que trazemos a (re)escrita desse artigo científico, que se dá nessa confluência de forças antagônicas: de um lato a resistência à intimidação de professores e, do outo, uma política policialesca de denunciamento e de delações de docentes com a justificativa de doutrinação ideológica. Quando falamos em reescrita do artigo é porque este artigo foi publicado em 2015 e, posteriormente, já em 2019, o artigo foi retirado da revista, assim como textos de outros pesquisadores a exemplo de João Wanderley Geraldi que, na mesma revista, tinha um artigo de sua autoria. Procurada, a instituição não nos informou o motivo da suspensão da revista. Em contato com o ex-editor, ele nos informou que a Universidade fora vendida e tais publicações não eram de interesse do novo grupo que adquiriu a Instituição. Então, como contraofensiva a essa situação, resolvemos publicar novamente o artigo e ampliar a discussão sobre Freire, Bakhtin e o letramento no Brasil.

Ao evocarmos no título desse trabalho Paulo Freire e Mikhail Bakhtin, dois autores que, mesmo em espaços distintos, que utilizaram da palavra como forma de luta e posicionamento político-social, estamos sinalizando a força enunciativa do jogo significativo por meio da linguagem e a resistência como ato que permeia e atravessa o sujeito e a sociedade. Isso significa dizer que as contribuições desses dois teóricos perpassam a concepção da palavra como noção que se inscreve como signo ideológico e potência verbal para expressão da criação humana.

Podemos adiantar que, para Freire, a palavra é *palavramundo* e, para Bakhtin, essa é *palavraponte*, duas metáforas da dimensão sónica e ideológica dos enunciados que produzimos. Assim, à guisa de escolha e por maior afinidade, este texto tratará das contribuições destes dois pensadores e as implicações de suas teorias para a (des)(re)construção de noções discursivas para a investigação no âmbito das ciências humanas.

Por uma questão didática e para melhor encadear o pensamento, este texto será estruturado da seguinte maneira: no primeiro momento trataremos das discussões sobre o Círculo de Bakhtin (2005; 2009; 2010) no tocante à palavra enquanto instrumento de poder e ideologia; no segundo momento, faremos uma breve discussão sobre os postulados de Freire (1980a; 1980b; 1981; 1993; 1996) sobre a palavra como forma de libertação e tomada de consciência. Neste movimento interpretativo, evocaremos as contribuições destes autores, pelo viés da *palavramundo* e *palavraponte*, para os estudos do letramento (Street, 1995, 2012; Kleiman, 1995, 2006; Barton, Hamilton e Ivanic, 2000; Tfouni, Monte-Serrat, Martha, 2013), sobretudo no Brasil. Assim posto, traçar esse percurso investigativo significa tomar a palavra como jogo simbólico político-ideológico que permite (entre)ver o letramento como forma de emancipação, luta e resistência do sujeito em seus ambientes (in)formais de aprendizagem.

Em tempo, utilizaremos a expressão letramento, sem marca de plural, para denominar o fenômeno da linguagem enquanto prática social da e na sociedade, uma vez que esta escolha se justifica pelo fato de entendermos o letramento, no sentido amplo da expressão, como um fenômeno de uso social da linguagem para fins de intervenção política, no sentido freiriano, em comunidade. Aqui, entra em cena a questão social do letramento, que prediz a tomada de posições em detrimento da, apenas, compreensão e uso da escrita, como tem sinalizado Tfouni, Monte-Serrat, Martha (2013).

À guisa de ilustração, o termo letramento, que fora traduzido do inglês *literacy* para, no Brasil, *literacia*⁴ na década de 1980, por Mary Kato, ganha, hoje, uma marca de plural, vez que propõe afastar a noção de práticas letradas como processo posterior ao domínio do código escrito. Nesta linha de entendimento, o termo letramento, apresenta, a partir dessa ampliação, que não é apenas vocabular, uma marca de plural; vem daí a compreensão dos diversos letramentos que tomam os estudos mais recentes, a exemplo dos estudos do *New London Group* e do *Novos Estudos do Letramento*, a saber: letramento social, letramento no ensino

⁴ Ver KATO, M. A. (1986). *No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística*. São Paulo: Ática.v. 9. (Série Fundamentos).

médio, letramento digital, letramento acadêmico, letramento do professor, entre outros.

Nossa epigrafe neste texto, convite ao diálogo, também, inicia o leitor a familiarizar-se com a estrutura composicional de nossa escrita, uma vez que serão referenciados em bloco único Freire e Bakhtin, quando das escolhas por nos realizadas.

Do encontro inconcluso

O russo Mikhail Mikhailovich Bakhtin (1895-1975) nasceu em Oriol, Rússia. Foi um pensador, filósofo, teórico de artes e cultura. Lembrado como um dos maiores estudiosos da linguagem humana, suas obras influenciaram muitos pensadores de diversas áreas: crítica da religião, estruturalismo, semiótica, marxismo; e de diversos segmentos como psicologia, antropologia, história, filosofia, linguística, crítica literária, entre outros. É relevante salientar que em muitos trabalhos atribuídos a Bakhtin há outras vozes e mãos que se complementam, especialmente os estudos desenvolvidos por ele e pelo seu grupo, que ficou conhecido como o Círculo de Bakhtin.

Bakhtin continua sendo um dos autores mais expressivos da atualidade, ganhando maior abrangência a partir dos anos de 1970, com a entrada de suas obras e tradução no Ocidente. Reconhecido como filósofo, linguista e teórico pós-estruturalista, é um dos mais importantes pesquisadores da produção da linguagem na sociedade humana, sendo referência para diversas áreas de conhecimento, o que revela uma dimensão interdisciplinar de suas teorizações. Destacam-se as noções de dialogismo, autoria, cronotopia, carnavalização, polifonia que são amplamente empregadas e estudadas em estudos nas ciências humanas e da linguagem.

O Círculo de Bakhtin (CB), por sua vez, foi uma escola do século 20 do pensamento russo, que abordou filosoficamente as questões sociais e culturais colocadas pela Revolução Russa e sua degeneração na ditadura de Stalin. A centralidade e voz do grupo voltavam-se para as questões de importância na vida social em geral e criação artística em particular, analisando o modo como a linguagem registrava os conflitos entre grupos sociais. Daí, vem a noção de palavra como ideologia. Esta parece ser, talvez, a noção mais cara e presente na obra do CB e do próprio Bakhtin, para quem “o domínio ideológico coincide com o domínio dos signos: são mutuamente correspondentes. Ali onde o signo se encontra, encontra-se também o ideológico e tudo que é ideológico possui um valor semiótico” (Bakhtin, 2006, p.32). Ao lado da inscrição ideológica do signo, a natureza dialógica da comunicação humana também é ressaltada, vez que a

[...] orientação dialógica é naturalmente um fenômeno próprio a todo o discurso.[...] Em todos os seus caminhos até o objeto, em todas as direções, o discurso se encontra com o discurso de outrem e não pode deixar de participar, com ele, de uma interação viva e tensa. Apenas o Adão mítico que chegou com a primeira palavra num mundo virgem, ainda não desacreditado, somente este Adão podia realmente evitar por completo esta mútua orientação dialógica do discurso alheio para o objeto. Para o discurso humano, concreto e histórico, isso não é possível:

só em certa medida e convencionalmente é que pode dele se afastar (Bakhtin, 1990, p.88).

Dito de outro modo, a palavra só se constitui enquanto signo quando entra no cotidiano dos sujeitos, quando é pronunciada com o fito de externar e dizer algo, quando no percurso da enunciação afeta as pessoas que se interagem nesse acontecimento discursivo. A palavra exposta chama o sentido e vincula-se a uma necessidade de dizer dos sujeitos, ou seja, sozinha a palavra não produz sentido(s). Assim posto, neste jogo de troca linguageira, há a necessidade da permuta, da interação, do consenso e conflito pois toda orientação dialógica é própria das produções discursivas em sociedade. Ou seja,

Na realidade, não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis, etc. A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial. É assim que compreendemos as palavras e somente reagimos àquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida (Bakhtin, 2009, p.95).

Na esteira desse pensamento, uma vez que o diálogo pressupõe outras atividades que não, apenas, a interação verbal, evocamos aqui, no projeto do dizer da filosofia da linguagem bakhtiniana, a noção de diálogo que orienta este trabalho, quando entende que

O diálogo, no sentido estrito do termo, não constitui, é claro, senão uma das formas, é verdade que das mais importantes, da interação verbal. Mas pode-se compreender a palavra “diálogo” num sentido amplo, isto é, não apenas como a comunicação em voz alta, de pessoas colocadas face a face, mas toda comunicação verbal, de qualquer tipo que seja (Bakhtin, 2009, p. 117).

Além destas questões, e sabedores do risco de sermos demasiadamente sucintos, três pontos parecem convergir para a centralidade, que em nossas leituras se apresentaram com mais vigor, nas discussões do Círculo de Bakhtin, quais sejam: *i*) compreensão de que a produção linguística é essencialmente dialógica, formada no processo de interação social, e que isso leva à interação de diferentes valores sociais, sendo registrada reacentuando o discurso dos outros; *ii*) entendimento de que a camada dirigente, no cronótopo do CB, tentava postular um único discurso como exemplar, e as classes subalternas estavam inclinadas a subverter este encerramento monológico, momento em que o viés marxista do círculo se emprega de sentidos de/da luta de classes e discurso contra-hegemônico; e *iii*) contribuições para os campos da literatura, poesia e épicos, evidenciando as forças centrípetas dentro da arena cultural enquanto que o romance é a expressão estruturalmente elaborada da ideologia popular, a crítica radical da sociedade, quando evoca as obras de Rabelais e Dostoiévski como objeto de análise e crítica.

Dialogia, cronotopia, autor e autoria, carnavalização, gêneros do discurso, palavras, entre outros, são conceitos fortemente ligados a Bakhtin e ao Círculo. Entretanto, por uma escolha justificada na proposta

desta construção textual, evocaremos o conceito de *palavra* que o Círculo emprega para provocar algumas (des)estabilizações sobre o uso social da linguagem em atividades sociais que, evidentemente na acepção política do termo, tomaremos como *Letramento*. Embora estejamos obedecendo a um projeto de tessitura que justificamos no início deste artigo, de antemão lembraremos, aqui, de Paulo Freire como o percussor deste tema que, sem mencionar o termo, inaugura o uso da linguagem como instrumento de luta e resistência no Brasil na década de 1960. Após este adendo, ressaltamos que, já voltando a Bakhtin e ao Círculo, as contribuições dos estudos do letramento indicam para a tomada da palavra como forma de empoderamento e como elemento concreto da e na sociedade. Nisso as acepções sobre letramento, em muito, encontram lugar naquilo que Bakhtin entende como *palavra*. Dito de forma mais clara, o Círculo

[...] afirma ser possível à palavra acompanhar e comentar todo e qualquer ato ou fenômeno ideológico [...] todos se impregnam de discursos, embora não possam ser totalmente substituídas por palavras (Moura, 2012, p. 147).

Não obstante, a *palavra* tomada como elemento simbólico, por si só, não produz sentido. Há a necessidade da *dialogia*, outro conceito bastante caro para os estudos bakhtinianos. Dialogia é mais que interação, conversação. Para os estudiosos de Bakhtin, “toda parte verbal de nosso comportamento (quer se trate de linguagem exterior ou interior) não pode, em nenhum caso, ser atribuído a um sujeito individual considerado isoladamente” (Moura, 2012, p. 139). Estas são, pois, contribuições de Bakhtin e do círculo para o que hoje entendemos como letramento que, numa definição bem simplista, seria o uso social da linguagem em práticas sociais escolares ou não, como indicam os estudos, aqui no Brasil, de Matencio (2009a, 2009b), Tfouni, Monte-Serrat, Martha (2013), Kleiman (2006; 1995) e Kato (1986), e em outros países, os estudos de Barton, Hamilton e Ivanic (2000), Street (1995; 2012) e Fischer (2008), entre outros.

Se para Bakhtin a palavra é ideológica e, ao mesmo tempo, *pontediálogo*, o uso da palavra é o agir sobre o mundo. Metaforicamente, se a linguagem é a linha que costura todas as atividades humanas, a palavra é a agulha que sutura e dá ponto a todas as relações co-construídas entre os sujeitos afetados pelas trocas languageiras. É através da palavra, instrumento de poder e artefato social, que as práticas sociais são e estão co-construídas, deixando ou não aparecer nuances de poder, exercícios dialógicos e resistências, vez que dialogia pressupõe posicionar-se. De forma mais objetiva, o exercício da palavra ancorada em processos de letamentos pressupõe que

[...] o encontro entre práticas locais, certamente menos prestigiadas, e globais, as quais são legitimadas socialmente, resulta sempre num certo hibridismo. Isso significa que o processo de letramento – na prática e nas práticas – envolve, sempre, aprender a posicionar-se, em termos relacionais, ideacionais e sistêmicos, já que produzir e compreender ações de linguagem implicam uma dinâmica simultânea de ações intra e intersubjetivas numa esfera de atividades interacionais (Matencio, 2009a, p. 09).

Se pela perspectiva bakhtiniana, entendemos a linguagem verbal como discurso, ligação de enunciados que dialogam responsivamente constituindo sujeitos históricos, para Paulo Freire a palavra é a própria tomada de consciência, é o que justifica a escola enquanto entidade promotora do letramento. Daí que para Freire, principalmente em *Pedagogia do Oprimido*, fica claro que há uma luta de classes e que a libertação do oprimido não pode vir pelas mãos do opressor e essa libertação só se dará quando as classes que sempre ficaram relegadas, tomarem a palavra como forma de autonomia e libertação. Numa atitude responsiva, o professor como “[...] agente de letramento ajuda, como ator social que é, a criar contextos para que outros atores que se engajarão em atividades relevantes para o grupo venham a se constituir” (Kleiman, 2006, p. 422).

Ressaltando o diálogo como condição humana, a inserção da réplica ativa uma tomada de consciência sobre as condições de produção simbólicas da sociedade. A linguagem, enquanto trabalho e produto das interações humanas, situa o sujeito social em lugar de não neutralidade frente à realidade que o circunda. Assim, revelar a dimensão dialógica na obra de Freire, pressupõe reconhecer que a expressão diálogo é um tema polifônico que envolve a dupla face da palavra dita: o conflito e o consenso. Nesse prisma, é uma categoria que serve à problematização e investigação de fenômenos sociais, pois

O diálogo exige igualmente uma fé intensa no homem, fé em seu poder de fazer e refazer, de criar e recriar, fé em sua vocação de ser mais humano [...]. O homem de diálogo é crítico e sabe que embora tenha o poder de criar e de transformar tudo, numa situação completa de alienação, pode-se impedir os homens de fazer uso deste poder (Freire, 1980, p.83 e 84).

No processo da fala e da escuta a disciplina do silêncio a ser assumida com rigor e a seu tempo pelos sujeitos que falam e escutam é um “sine Qua” da comunicação dialógica. O primeiro sinal de que o sujeito que fala sabe escutar é a demonstração de sua capacidade de controlar não só a necessidade de dizer a sua palavra que, é um direito, mas também o gosto pessoal, profundamente respeitável, de expressá-la. Quem tem o que dizer tem igualmente direito e deve dizê-lo. É preciso, porém, que quem tem o que dizer saiba, sem sombra de dúvida, não ser o único ou a única a ter o que dizer (Freire, 1996, p.116).

Freire em sua concepção dialógica do conhecimento realiza um deslocamento da relação sujeito-objeto. A tríade pesquisador-sujeito-realidade deve ser dialogicizada. O diálogo torna-se assim um elemento ético-normativo na relação pesquisador-sujeito-objeto com vistas à transformação da realidade por meio das práticas educativas e de pesquisa, práticas essas que devem ser ancoradas no conhecimento crítico.

A dialogicidade do conhecimento, segundo Freire, possibilita ressignificar a relação teoria e prática. Assim, para Freire, todo ato educativo constitui um ato de conhecimento que deve culminar numa ação transformadora. Através da intersubjetividade dialógica, a comunicação entre os sujeitos cognoscentes é estabelecida e, deste modo, o verdadeiro conhecimento é constituído. Segundo Freire, a curiosidade epistemológica

deve conduzir à busca do desvelamento da realidade, ancorada numa atitude de rigorosidade metódica que compreende a coerência entre o agir e o pensar. Constituem desafios às práticas educativas e de pesquisa numa concepção freiriana. Superar a consciência ingênua, partindo da curiosidade epistemológica para conhecer rigorosamente a realidade a partir do conhecimento produzido, nela atuar e transformar.

As palavras/enunciados que nos constituem, enquanto sujeitos de luta social, somente se tornam significativas nas interações sociais em que os sentidos variam em função de sua inserção em contextos socioculturais e ideológicos distintos. Aqui fica evidente um diálogo teórico entre as teorias de Freire e de Bakhtin. Assim, para Freire (2005, p. 57) "a invenção da existência envolve, repita-se, necessariamente, a linguagem, a cultura, a comunicação em níveis mais profundos e complexos do que o que ocorria e ocorre no domínio da vida".

Paulo Reglus Neves Freire⁵ nasceu em Recife, Brasil (1921-1997) e foi, sem dúvidas, o maior educador brasileiro. Saído do sertão do Pernambuco no nordeste brasileiro percorreu diversos países apresentando uma proposta de ensino, que mais tarde ficou conhecida como o Método Paulo Freire, que tinha como base o estudo da palavra como tema gerador. Nascia aí a maior revolução educacional do Brasil e a primeira definição de letramento, como assevera Brian Street em seu livro *Letramentos Sociais*⁶. Não obstante, o lugar de precursor de práticas de letramento não é um tema novo e, tampouco, importado para o Brasil; como bem lembra Matencio (2009a, p. 06),

Pode-se, portanto, dizer que os estudos vinculados às práticas de letramento não são tão recentes como se poderia imaginar. E embora muitos trabalhos e propostas tenham sido rotulados, num primeiro momento, como estudos da alfabetização, da leitura ou da escrita, não se pode negar que tratavam, efetivamente, como é o caso com Paulo Freire, das práticas de letramento.

Durante o golpe militar do Brasil na década de 1960, Freire, no exílio, classificou a educação como machista, sexista, racista e que favorece os poderosos. Quando, ainda exilado, escreveu o livro *A Pedagogia do Oprimido*, Freire (1981) assentou que

⁵ Para ilustrar a grande contribuição de Freire para os estudos mundiais sobre educação, é interessante observar o que dizem estes autores: "Paulo Freire foi o educador de Língua Portuguesa de maior renome mundial. Considerado por alguns, por exemplo Roger Garaudy, como 'o maior pedagogo do nosso tempo' foi, sem dúvida, quer a nível da produção teórica quer da intervenção prática, um dos maiores pedagogos de todos os tempos. É uma referência obrigatória quando se fala da alfabetização, educação de adultos, educação popular ou comunitária. Pode-se estar de acordo ou em desacordo com os seus pontos de vista; é, contudo, impossível ignorar a sua obra.(...) Cerca de 30 universidades, de diferentes países, concederam-lhe doutoramentos *Honoris Causa*". (Apple, M. e Nóvoa, A. (orgs). *Paulo Freire: Política e Pedagogia*. Porto, Portugal: Porto Editora, 1998, pp 142-143.

⁶ Street, B.V. *Social Literacies*. Critical Approaches to Literacy in Development, Ethnography and Education. Harlow: Pearson, 1995.

A violência dos opressores, que os faz também desumanizados, não instaura uma outra vocação - a do ser menos. Como distorção do ser mais, o ser menos leva os oprimidos, cedo ou tarde, a lutar contra quem os fez menos. E esta luta somente tem sentido quando os oprimidos, ao buscarem recuperar sua humanidade, que é uma forma de criá-la, não se sentem idealistamente opressores, nem se tornam, de fato, opressores dos opressores, mas restauradores da humanidade em ambos (Freire, 1981, p. 30).

Ancorado na educação que prepare para a luta e no preceito de que aconteça a mudança no paradigma social, para Freire, é necessário a tomada de consciência de classe. E isto, numa clara referência à leitura do filósofo Karl Marx, seria possível através da tomada da *palavramundo* como libertação. Freire não introduz apenas um novo vocábulo; pelo contrário, a ideia de leitura da *palavramundo* é a própria condição de libertação do sujeito. Quando na palestra, que mais tarde se tornou livro⁷, ele diz que *a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra*, o condicionamento de entendimento da palavra está sempre ligado às noções de entendimento do mundo como prerrogativa inicial. Ou seja, através do “conhecimento crítico” do mundo, das relações de poder e das injustiças sociais, a leitura da palavra se faria de forma peremptória e com vistas à emancipação do sujeito, desembocando, assim, no uso social do que aprendeu, outra clara noção de letramento defendida por Freire, principalmente quando diz que “linguagem e realidade se prendem dinamicamente” (Freire, 2008, p. 11 *apud* Moura, 2012, p. 137).

Estas contribuições aliadas às pesquisas nas ciências humanas revelam que toda experiência de interpretação do mundo se realiza como prática social, adquirindo significado a partir de sua inserção em situações comunicativas e socioculturais concretas. Nota-se, nesta perspectiva, forte convergência entre as teorias bakhtiniana e freireana e os Novos Estudos do Letramento pelo foco dado às questões ideológicas e socioculturais, uma vez que estes estudos apostam no fato que

[...] lidamos, todo o tempo, com “mundos figurados”, ou seja, com figurações das ações de linguagem próprias ou alheias. Isso porque transitamos por esferas de atividades sociais cujos actantes são reconhecidos como tais em interações sociais, por processos coletivos e coordenados de interpretação, em que determinadas formas de significação são atribuídas a certas ações de linguagem, em que um sentido dentre outros é trazido à tona. Daí esses “mundos figurados” implicarem formas de expressão, figuras de ação e ações de linguagem que não são nem neutras nem desencarnadas; ao contrário, encontram-se em jogo, na construção coletiva desses mundos, tanto processos identitários, quanto as significações que carregam consigo nos processos histórico-culturais (Matencio, 2009a, p. 9)

Encontrar pontos e contrapontos entre Freire e Bakhtin é uma tarefa instigante e prazerosa: dois teóricos da linguagem que se complementam e se aproximam política, social e ideologicamente tem

⁷ Freire, P. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. São Paulo: Cortez, 1991.

muito para contribuir com quem se aventura nos estudos do letramento. Embora em cronotopias diferentes, Freire e Bakhtin em muito se emaranham, em pouco se estranham, e sempre produzem um efeito de sentido naquele(a) que se lança nos estudos da palavra e do mundo, ou na *palavraundo* e na *palavraponte*.

Em Bakhtin (2010), ressalta-se a centralidade da linguagem na organização da vida em sociedade. A linguagem para além de ser uma capacidade humana é um produto histórico das relações sociais que se exterioriza como palavra, discursos, enunciados. Essa, a palavra, é concebida como material da linguagem e penetra na vida cotidiana como potência para impressão de sentidos. Esse percurso de entrada da palavra na vida cotidiana faz com que a palavra seja impregnada de ideologia, estando sujeita a assumir e indicar compreensão e de interpretação.

[...] a orientação da palavra entre palavras, as diferentes sensações da palavra do outro e os diversos meios de reagir diante dela são provavelmente os problemas mais candentes do estudo metalingüístico de toda palavra, inclusive da palavra artisticamente empregada (Bakhtin, 2005, p. 203).

Estamos interessados primordialmente nas formas concretas dos textos e nas condições concretas da vida dos textos, na sua inter-relação e interação. As relações dialógicas entre os enunciados, que atravessam por dentro também enunciados isolados, pertencem à metalingüística. Diferem radicalmente de todas as eventuais relações lingüísticas dos elementos tanto no sistema da língua quanto em um enunciado isolado (Bakhtin, 2003, p. 319-320).

Para Freire (1981), a palavra é um “expresso verbivocalizado”, da memória humana, carrega sempre um sentido ideológico, vivencial e se relaciona totalmente com o contexto de sua produção. Só se impõe-lhe o sentido quando de seu pronunciar em interação verbal, sendo o diálogo a expressão máxima da capacidade humana de interagir e humanizar-se como sujeitos da linguagem:

O diálogo é o encontro entre os homens, mediatizados pelo mundo, para designá-lo. Se ao dizer suas palavras, ao chamar ao mundo, os homens o transformam, o diálogo impõe-se como o caminho pelo qual os homens encontram seu significado enquanto homens; o diálogo é, pois, uma necessidade existencial (Freire, 1980, p.82 e 83).

Para Freire (1981), o diálogo é um fenômeno humano, digital da espécie humana que acontece quando da assunção da dialogicidade da palavra que temos e assumimos como nossa. A palavra é um movimento de ação e reflexão, não existe palavra verbalizada que não seja práxis social. A ação e reflexão são complementares e se processam em tempos não cronológicos, mas no percurso de auto formação e formação do sujeito de sua consciência crítica, de modo que a palavra se coloca a serviço de transformar o mundo. Ação e reflexão não são dimensões que podem ser compreendidas de modo isolado ou priorizando uma em detrimento da outra, visto que o acontecimento discursivo diálogo só se estabelece com a assunção dos sujeitos como ouvintes e falantes dos enunciados proferidos.

Ou seja, o diálogo é o elemento humanizador e transformador da realidade.

A discussão sobre a natureza da linguagem se apresenta como fulcral nas obras de Bakhtin e de Freire para se e refletir sobre os modos de pensar, trabalhar e escrever a pesquisa na perspectiva dialógica, pois essa é uma modalidade de pesquisa que traz em seu texto a coexistência de inúmeros narradores, narrativas, formas de narração e temas que, no decorrer da enunciação, configuram uma “heterogeneidade discursiva”.

Tanto em Freire como em Bakhtin a concepção de palavra assume que o sujeito se constitui por meio da linguagem e na linguagem. A palavra não é forma, é tema, forma e estilo, pois é um conjunto do projeto de dizer dos sujeitos em interação social.

Uma teoria filosófica permanece atual visto as suas possibilidades de confrontar ideias, estabelecer paralelos e interfaces conceituais para gerar novas perguntas e problematizações, respondendo ou indicando outras questões a serem elucidadas. Essas possibilidades criadoras atualiza o pensar dos dois teóricos em diálogo neste artigo, sendo a nossa opção a extração de paralelo por assimetria conceitual, concordâncias e destaques. Contudo, a cara noção de dialogismo na obra bakhtiniana não é empregada por Freire com a grafia da a palavra dialogismo, mas sim dialogicidade. Visto o percurso de tradução da obra de Bakhtin, temos que considerar esse aspecto, reconhecendo que ambos ressaltam e relevam o diálogo como condição da própria existência social dos homens. O dialogismo como a dialogicidade são termos que consideram que as relações sociais (dialógicas ou monológicas) devem ser encaradas como pertencentes às nossas práticas verbais mais triviais e cotidianas, pois é na vida comum que captamos os enunciados concretos que nos rodeiam, visto que em Bakhtin (2005) e em Freire (1981).

Percebemos de modo muito sensível o mais ínfimo deslocamento da entonação, a mais leve descontinuidade de vozes no discurso cotidiano do outro, essencial para nós. Todas essas precauções verbais, ressalvas, evasivas, insinuações e ataques são registrados pelos nossos ouvidos e são familiares aos nossos próprios lábios. Daí ser ainda mais impressionante que até hoje não se tenha chegado a uma precisa interpretação teórica e a uma avaliação adequada de todas essas ocorrências (Bakhtin, 2005, p. 202).

[...] não é possível o diálogo entre os que querem a pronuncia do mundo e os que não querem; entre os que negam aos demais o direito de dizer a palavra e os que se acham negados deste direito. É preciso primeiro que, os que assim se encontram negados no direito primordial de dizer a palavra, reconquistem esse direito, proibindo que este assalto desumanizante continue” (Freire, 1981, p.79).

O mundo da comunicação humana deve ser pautado na reciprocidade, na necessidade de escuta do outro para se enunciar. O diálogo é mais do que a comunicação face a face, é um espaço de direito de dizer a própria palavra, visto que as relações dialógicas mediatizam valores, culturas, juízos e pontos de vistas antagônicos ou convergentes. Para Freire (1981, p. 67) “[...] os sujeitos co-intencionados ao objeto de seu pensar *se comunicam* seu conteúdo e [...] a expressão verbal de um dos

sujeitos tem que ser percebida dentro de um quadro significativo comum ao outro sujeito”. E para Bakhtin (2009):

O diálogo, no sentido estrito do termo, não constitui, é claro, senão uma das formas, é verdade que das mais importantes, da interação verbal. Mas pode-se compreender a palavra “diálogo” num sentido amplo, isto é, não apenas como a comunicação em voz alta, de pessoas colocadas face a face, mas toda comunicação verbal, de qualquer tipo que seja. (p. 117).

Pensamento que esboroa na certeza de que:

[...] muitos erros e equívocos comete a liderança ao não levar em conta esta coisa tão real (grifo nosso), que é a visão do mundo que o povo tenha ou esteja tendo. Visão do mundo em que se vão encontrar explícitos e implícitos os seus anseios, as dúvidas, a sua esperança, a sua forma de liderança, a sua percepção de si mesmo e do opressor, as suas crenças religiosas, quase sempre sincréticas, o seu fatalismo, a sua reação rebelde. E tudo isto, como já afirmamos, não pode ser encarado separadamente, porque, em interação, se encontra compondo uma totalidade” (Freire, 1987, p.182).

Pelas lentes do olhar freiriano e bakhtiniano, a palavra é síntese vivencial de experiências e trocas sociais de conhecimento, aprendizagens e experiências. A palavra é matéria ideológica para desconstruir verdades estabelecidas e proporcionar a formação pela liberdade, a palavra é um gesto de tomada de consciência.

Cumprir registrar que as primeiras noções de letramento aqui no Brasil estavam ligadas ao uso efetivo da escrita (Soares, 2005) e como processo posterior e/ou concomitante ao processo de alfabetização. Notadamente, o que Soares (2005) evidencia em seus escritos primeiros sobre o letramento são, na verdade, sobre um tipo específico de letramento, o letramento escolar. Essa compreensão de Soares foi fundamental para a elaboração de materiais didáticos governamentais (a exemplo dos PCN) e de toda uma formação de professores que entendiam o letramento como uso da escrita.

Interessante observar que nos escritos de Freire e de Bakhtin há a evocação da linguagem, processo amplo e plurissignificativo, e não apenas de uma modalidade da linguagem, a escrita. Esse movimento é importante para destacar que o letramento se dá e se faz na relação com o outro e no uso da linguagem como prática social e como artefato de inclusão, não de exclusão. Para ilustrar o que aqui dizemos, encontramos em Tfouni, Monte-Serrat e Martha (2013) uma crítica pontual aos sujeitos que silenciam aqueles que não sabem ler e escrever e que colocam nesses a pecha de iletrados (Assunção, 2016). Magda Soares (2005) há anos figura como o grande nome do letramento no Brasil e, para ela,

letramento é o exercício efetivo e competente da tecnologia da escrita, que implica habilidades várias como: capacidade de ler ou escrever para atingir diferentes objetivos habilidades de orientar-se pelos protocolos de leitura que marcam o texto, ao escrever; atitudes de inserção efetiva no mundo da escrita, tendo interesse e prazer em ler e escrever, sabendo

utilizar a escrita para encontrar ou fornecer informação e conhecimento, escrevendo e lendo de forma diferenciada, segundo as circunstâncias, os objetivos, o interlocutor” (Soares, 2003, p. 92).

Em contraponto a Soares, Tfouni, Monte-Serrat e Martha (2013), apontam que parece “que a autora está aprisionada por um significado dicionarizado de “letrado”: pessoa culta, de muito conhecimento, sobretudo livresco” (2013, p. 27). Já que o “[...]letramento é, [...], um processo, cuja natureza é socioistórica” (Tfouni; Monte-Serrat; Martha, 2013, p. 24), significa considerar o termo como um conjunto de práticas sociais e associado com diferentes domínios de vida (Barton; Hamilton, Ivanic, 2000, p. 8) e não apenas de usos efetivos da escrita. É importante salientar que aqui não se advoga contra o letramento escolar e tampouco não reconhece esse letramento como *locus* de poder e como uma das pautas centrais do cotidiano escolar. O que estamos dizendo é que o letramento é muito mais que saber ler e ou escrever; é posicionar-se por meio da linguagem em práticas situadas de usos sociais languageiros.

Das possíveis conclusões

O diálogo aqui iniciado ainda requer acabamento. Nosso enunciar não se esgota nessas páginas escritas ao toque do recuperar de anotações de aulas ministradas, conversas acadêmicas leituras e escritas de textos e livros de Paulo Freire e Mikhail Bakhtin.

O pensamento freiriano e bakhtiniano chama e clama para a resposnividade e réplica ativa do dizer do pesquisador: uma inscrição autoral do projeto de conhecimento que se trilha ao adentrar-se na elaboração e reelaboração conceitos demandantes de exploração teórica e metodológica. O diálogo em Paulo Freire e Mikhail Bakhtin enfatiza à autonomia dos sujeitos e implica respeito mútuo aos sujeitos nele engajados. Tanto Bakhtin como Freire assumem o acabamento discursivo do projeto de dizer como capacidade criadora do sujeito, um compromisso ético de permitir a entrada de diferentes enunciados que se revozeam na dialogia da criação literária, científica e cotidiana. Nenhum texto nasce por geração espontânea e enquanto, pois se situam em determinadas e diferentes condições histórias e culturais, nas quais nos encontramos como pesquisadores.

A palavra, na concepção bakhtiniana e freiriana, professa que só nos tornamos seres de linguagem com o aflorar de nossa consciência social. A consciência da presença do outro unifica os dois pensares dialógicos. Não nos enxergamos como diferentes sem o olhar do outro para nos revelar. No espelho projeta-se o nosso espectro, pois não assimilamos a nossa própria imagem externa, visto que a lente do olhar do outro é que nos (des)(re)constrói, pois, é impossível eu me tornar eu sem a ajuda do outro. De tal modo que a relação dialógica é fundamental para a troca discursiva entre as alteridade sociais pois “[...] o homem não tem um território interior soberano, está todo o sempre na fronteira, olhando para dentro de si ele olha o outro nos olhos e com os olhos do outro” (Bakhtin, 2010, p. 341). A dialogicidade, como marca da condição humana constitui-se em uma contrapalavra ante a prática antidialógica, opressora e dicotomizadora. A dialogicidade, nosso selo de humanidade, é um

exercício constante de sermos humano e de humanizarmos em interação com os outros.

Referências

Apple, M.; Nóvoa, A. (orgs). (1998). *Paulo Freire: Política e Pedagogia*. Porto, Portugal: Porto Editora.

Assunção, E.T. C. (2016). *Os letramentos acadêmico e do professor e(m) gestos formativos: a disciplina Seminário Interdisciplinar de Pesquisa (SIP) como locus de investigação*. Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia: Programa de Pós-graduação em Letras: Cultura, Educação e Linguagens, Vitória da Conquista.

Bakhtin, M. (2010). *Estética da criação verbal*. 5. ed. Trad. P. Bezerra. São Paulo: Martins Fontes.

Bakhtin, M. (VOLOCHÍNOV, V. N.). (2009). *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. 13.ed. São Paulo: Hucitec.

Bakhtin, M. (2005). *Problemas da Poética de Dostoiévski*. Tradução de Paulo Bezerra. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

Bakhtin, M. (1990). *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. São Paulo. Ed. Hucitec.

Barton, D.; Hamilton, M.; Ivanic, R. (2000). *Situated Literacies: reading and writing in context*. New York: Routledge.

Freire, P. (1996). *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra.

Freire, P. (1993). *Pedagogia da esperança: Um reencontro com a pedagogia o oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Freire, P. (1991). *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. São Paulo: Cortez.

Freire, P. (1981). *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Freire, P. (1980a). *Conscientização: teoria e prática da libertação – uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*. 3 ed. São Paulo: Moraes.

Freire, P. (1980b). *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Kato, M. (1986). *No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística*. São Paulo: Ática.v. 9. (Série Fundamentos).

- Kleiman, A. (2006). Professores e agentes de letramento: identidade e posicionamento social. *Revista Filologia e Linguística Portuguesa.*, n. 8, p. 409-424.
- Kleiman, A. (1995). *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. Campinas, SP: Mercado das Letras.
- Matencio, M. L. M. (2009a). Estudos do letramento e formação de professores: retomadas, deslocamentos e impactos. *Revista Calidoscópico*. Vol. 7, n. 1, p. 5-10, jan/abr.
- Matencio, M. L. M. (2009b). Gêneros na formação do professor: construção de saberes e representações em atividades interacionais. *Estudos Linguísticos/Linguistic Studies*, 3, Edições Colibri/CLUNL, Lisboa, pp. 17-28.
- Moura, E. M. (2012). *Leitura em Bakhtin e Paulo Freire: palavras e mundos*. São Paulo: Pedro e João Editores.
- Soares, M.; Batista; A. A. G. (2005). *Alfabetização e Letramento*. Belo Horizonte: Ceale/FaE/UFMG.
- Street, B. (2012). Eventos de letramento e práticas de letramento. In.: Magalhães, I. (org.). *Discursos e práticas de letramento: pesquisa etnográfica e formação de professores*. Campinas, SP: Mercado das Letras.
- Street, B.V. (1995). *Social Literacies. Critical Approaches to Literacy in Development, Ethnography and Education*. Harrow: Pearson.
- Tfouni, L. V. T.; Monte-Serrat, D. M.; Martha, D. J. B. (2013). A abordagem histórica do letramento: ecos da memória na atualidade. *SCRIPTA*, Belo Horizonte, v. 17, n. 32, p. 23-48, 1º sem.